



A ÉTICA AMBIENTAL DO RIBEIRINHO AMAZÔNICO E AS POLÍTICAS DE INCLUSÃO SOCIAL

Maria Sandrelle Gonçalves Cardoso¹
Gerson Teixeira Cardoso Filho²

Resumo: Esta comunicação realiza uma abordagem sobre a vida ribeirinha na Amazônia, buscando conhecer os modos de vida, os ambientes, os recursos naturais e materiais disponíveis, a conduta ambiental do ribeirinho amazônico e a importância de considerar estes elementos na implementação de políticas públicas para a região. A pesquisa apoiou-se por aporte teórico-metodológico qualitativo com pesquisa bibliográfica. Sustenta-se a grande diversidade socioambiental da Amazônia, a qual é relativamente, pouco conhecida. Dessa forma, trabalhos de pesquisadores, significam uma contribuição fundamental para que as políticas correspondam às realidades sociais dessa região e atendam às suas necessidades específicas.

Palavras-chave: Amazônia- Ribeirinhos- Conduta Ambiental- Políticas Públicas.

Abstract: This approach makes a statement about life in the Amazon river, seeking to know the ways of life, the environment, natural resources and materials available, to conduct the environmental Amazon river and the importance of considering these elements in the implementation of public policies for the region. The research was supported by theoretical and methodological quality with literature. It argues the great social diversity of the Amazon, which is relatively poorly known. Thus, the work of researchers, signify a fundamental contribution to policies that correspond to the social realities of the region and meet their specific needs.

Keywords: Amazon- bordering- Conduct-Environmental- Public Policy.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). sandrellegoncalves@hotmail.com

² Estudante de Pós-Graduação. Instituto Federal do Amazonas (IFAM).



INTRODUÇÃO

A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano (VÁSQUEZ, 2011). A ética procura definir o que é um comportamento pautado por normas, ou em que consiste o fim, ou seja, o bom, visado pelo comportamento moral. Definir o que é bom é um problema geral de caráter teórico, de competência do investigador da moral, ou seja, do ético.

A Ética Ambiental traz a nova visão ecocêntrica que podemos definir como o homem centrado em sua casa - "oikos"- casa em grego, ou seja, o homem centrado no tudo ou no planeta como sua morada. Permite o surgimento de uma ética que estuda também o comportamento do homem em relação à natureza global; com ela o ser humano passa a entender melhor a sua atuação e responsabilidade para com os demais seres vivos.

A ética ambiental passa a ser uma nova filosofia de vida do ser humano alicerçada em novos valores extrassociais humanos. Sua base científica é o estudo da relação homem-natureza, englobando neste binômio todas as raças humanas e todos os seres existentes, abrangendo também os inanimados como o solo, o ar e a água (idem). Tudo que existe tem sua importância e passa a fazer parte desta nova relação ética. Esta nova ética ajudará a formar uma humanidade consciente de sua posição perante a vida no planeta Terra e dará origem a uma nova postura, um novo comportamento calcado na preservação global da natureza, sendo uma nova esperança de vida.

O presente trabalho buscará empreender uma análise referente à conduta do ribeirinho da Amazônia, pretendendo verificar seus modos de vida, sua relação com o ambiente, a utilização dos recursos naturais disponíveis, e o significado desses recursos em suas experiências cotidianas. Para tanto, utilizar-se-á abordagem qualitativa (a qual se ocupa, com um nível de realidade que não pode, ou não deveria ser quantificado). Trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes (MINAYO, 2010)), e pesquisa bibliográfica sobre Ética e sobre a Amazônia e o povo que nela habita.

Verificou-se que apesar de os ribeirinhos habitarem na floresta Amazônica, detentora de rica sociobiodiversidade, estes vivem sob condições precárias de existência. Verifica-se a ausência de políticas de inclusão social em dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais, voltadas para melhorar a sua qualidade de vida.



VIDA RIBEIRINHA NA AMAZÔNIA: modos de vida e condições de existência

Ao longo do rio Amazonas, verificam-se dois tipos de ambientes: a várzea, como é chamada a área de planície inundada anualmente, e a terra firme, terras altas que alcançam as bordas do rio. Esses dois tipos de ambiente se alternam ao longo das margens do rio, e neles moram populações ribeirinhas que, embora vizinhas, apresentam modos de vida diferenciados.

Os modos de vida das famílias ribeirinhas organizam-se a partir do trabalho desenvolvido para manutenção de sua sobrevivência. Derraua (1973) refere-se ao modo de vida como uma ação coletiva, caracterizada pelo conjunto de hábitos pelos quais os grupos que o praticam asseguram sua existência como: pesca, caça, colheita de frutos e agricultura. Geertz (2003) sustenta que o modo de vida pode ser uma estrutura de significados socialmente estabelecidos, sistematizado que orienta as práticas produtivas. Conforme Witikoski (2010) os ribeirinhos da Amazônia desenvolvem suas atividades produtivas nas terras, florestas e águas de trabalho.

As terras de trabalho referem-se às terras de várzea e terra firme. Grande parte do território do estado do Amazonas é composto de terra de várzea, as quais sofrem inundações durante as épocas de chuvas e cheias dos rios amazônicos (SCHERER, et.all. 2005).

Nas várzeas de trabalho as famílias ribeirinhas realizam atividades agrícolas, sendo que o cultivo da mandioca ocupa lugar central. Como características de sua atividade agrícola na várzea têm-se o sítio (o qual corresponde a áreas cultivadas em volta da casa, fomentando a alimentação da família ribeirinha, e, havendo excedente pode gerar renda) e o pousio (o qual refere-se às terras que os ribeirinhos deixam descansar para a recuperação da fertilidade para reutilização posteriormente) os quais são lugares de produção extremamente importantes em suas vidas e expressam um comportamento ecológico que visa garantir a sustentabilidade de seus recursos naturais.

A criação de pequenos animais também caracteriza o modo de vida na terra de várzea – aves (galinhas e patos), suínos e caprinos – e a pouca criação de grandes animais



(exclusivamente o gado bovino), comparecem como atividades, mais ou menos intensas, dependendo da comunidade. Esta atividade visa mais à subsistência que à comercialização, ainda que ocorra eventualmente a sua venda, a criação animal comparece como um componente fundamental na complementação da dieta proteica ribeirinha, principalmente na estação da cheia dos rios.

Dessa forma verifica-se que os ribeirinhos, habitantes das margens dos rios, igarapés, igapós e lagos que compõem o vasto e complexo estuário amazônico, forjam estratégias de sobrevivência frente aos obstáculos que a natureza lhes impõe. Eles vivem em pequenas comunidades, espacialmente estão dispersos em vários agrupamentos de casas de madeira construídas em palafitas, mais adequadas ao sistema de cheias dos rios que estão mais ou menos dispersas, chamadas de comunidades.

As áreas de terra firme correspondem às florestas de trabalho, estas fornecem um conjunto significativo de produtos para consumo e/ou venda- madeira, lenha, plantas medicinais- e um conjunto de frutos – açaí-do-mato, tucumã, castanha-da- Amazônia, bacaba, etc. Espécies madeireiras das florestas de várzea (em maior quantidade), florestas de terra firme e pouca madeira das florestas de igapó permitem que a unidade de produção ribeirinha tenha matéria-prima para construir suas casas, embarcações (principalmente canoas), apetrechos de pesca e partes complementares de instrumentos de trabalho.

Não menos importante é o extrativismo da rica biodiversidade das plantas medicinais que forma a farmácia natural de muitas famílias. É comum a existência de “canteiros” (em latas) de plantas medicinais nas casas ribeirinhas que, de modo simples ou combinado, constituem e revelam um “saber prático” tradicional. Esse patrimônio e conhecimento milenar ajudam a combater e curar as inúmeras doenças que afetam os ribeirinhos e tentam suprir a ausência das políticas públicas de saúde nas áreas rurais da Amazônia (SCHERER, et.all. 2007).

A caça, uma das formas de extrativismo animal é uma prática usual entre os ribeirinhos e trata-se de uma fonte de proteína complementar à proteína da ictiofauna. Os ribeirinhos caçam na cheia e/ou na seca, num conjunto diversificado de ambientes – floresta de terra firme, lago de várzea, sítio, restinga, rio, paraná –, mamíferos e aves terrestres e aquáticas, répteis terrestres e aquáticos com o claro intuito de complementar sua dieta alimentar.



Nas águas de trabalho os ribeirinhos desenvolvem a atividade de pesca como uma atividade extrativa, sendo que esta também obedece aos imperativos da natureza, isto é, não pode ser desenvolvida sem levar em consideração o ciclo das águas. Contudo, a atividade da pesca é inseparável das próprias águas de trabalho, por isso o tempo ecológico, comandado pelos ciclos das águas, aparece com força imperativa. O ribeirinho pesca durante todo o ano, mas não há como deixar de observar, para o maior ou menor sucesso da atividade pesqueira, o período da enchente (dezembro a abril), da cheia (maio a julho), da vazante (agosto a setembro) e o período da seca (outubro a novembro).

As dificuldades enfrentadas pelas famílias ribeirinhas parecem ser as mesmas na maioria das comunidades Amazônicas dentre elas destacam-se: escassez dos recursos pesqueiros, baixa produtividade e pouca qualidade de seus produtos, falta de acesso ou má qualidade nos serviços de saúde, educação, abastecimento de água, energia elétrica, saneamento básico, renda insuficiente e qualidade de vida com índices preocupantes de desenvolvimento humano. Essa conjuntura econômica, social e política, é construída e marcada historicamente por uma deliberada ausência de políticas públicas de inclusão social. Contudo, como a vida social é, acima de tudo, contraditória, as mesmas comunidades possuem também potencialidades que, se estimuladas, podem contribuir para o sucesso de uma melhor qualidade de vida na várzea (SCHERER, et.all. 2007).

A CONDUTA AMBIENTAL DO RIBEIRINHO AMAZÔNICO

Realizando uma análise dos modos de vida ribeirinho na Amazônia, verifica-se que essas experiências sociais são consideradas como exemplos de “desenvolvimento sustentado”, pois garantem a proteção ecológica dos ecossistemas florestais ou aquáticos, os quais são fundamentais para a conservação da biodiversidade, demonstrando uma sociodiversidade relevante.

A conduta do ribeirinho é pautada pela forte dependência dos recursos naturais renováveis como peixes, plantas medicinais da mata, produtos do extrativismo vegetal e áreas de cultivo agrícola itinerante. Esses recursos constituem a fonte dos meios de vida desses sujeitos, para utilização desses recursos existem regras costumeiras que disciplinam sua utilização, registra-se ainda certo controle simbólico do acesso aos animais que vivem na mata.



Como visto no tópico acima, os ribeirinhos habitam em dois tipos de ecossistemas, o de várzea e o de terra firme, praticando uma diversidade de atividades produtivas para sua reprodução social. Essas atividades são reguladas a partir do que o ambiente natural lhe apresenta, por exemplo, o ribeirinho da várzea na época da seca do rio realiza atividade de pesca, de agricultura em roças, em sítios, em canteiros, cria animais de pequeno e médio porte dentre outras. Na época das cheias ele adapta sua casa (em forma de palafitas), seu canteiro, cria marombas para criação dos animais que possui, realiza o extrativismo vegetal e animal para garantir a manutenção de sua sobrevivência. Essa multiplicidade de atividades revela um modo de vida sustentado a partir das características naturais dos ambientes Amazônicos.

Dias e Almeida (2004) em seu estudo na Reserva extrativista Alto Juruá- REAJ afirmam que os ribeirinhos se referem frequentemente à floresta como 'o nosso mercado', "pois é da floresta que tiramos todo o nosso rancho, ela é o nosso mercado". Os autores argumentam que não se trata de um mercado onde circula dinheiro, mas de um espaço físico de onde se tiram bens que garantem a satisfação de necessidades primárias como a alimentação.

Assim, a floresta é de fato, o mercado de onde se obtém a dieta básica, sem dinheiro. No mercado da cidade obtém-se carne por meio de dinheiro; na mata como mercado obtém-se carne 'procurando'. O mercado da cidade é só pra quem tem dinheiro; a floresta como alternativa ao mercado é um armazém exclusivo para os moradores, mas beneficia a todos eles tenham ou não dinheiro. Nesse sentido a floresta ou as matas como designadas pelos comunitários locais são como um mercado, onde não circula dinheiro, mas que tem dono ou responsável e onde é preciso agir como em casa alheia, com etiqueta e modos.

Diante do que foi exposto pode-se verificar que os ribeirinhos caracterizam-se marcadamente por um conjunto de singularidades: relação de dependência para com a natureza, a partir da qual esta significa fonte de vida e deve ser manejada com respeito; conhecimento tradicional dos ciclos naturais, utilizam estratégias no uso e no manejo dos recursos, possuem clara noção de território, no qual se reproduzem social e economicamente, desenvolvem predominantemente atividades de subsistência, praticam reduzida acumulação de capital, consideram de importância significativa a unidade de produção familiar e comunal, usam tecnologias simples de pouco impacto ambiental, forte identificação dos grupos sociais em razão de sua cultura, etc.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento Éticoambiental dos ribeirinhos é identificado nas experiências cotidianas vivenciadas em seus ecossistemas específicos. Embora esse comportamento ético-ambiental não possa ser compreendido com uma prática universal, os ribeirinhos tendem, a enfatizar valores muitos específicos, que são cooperação, laços familiares e comunicação entre gerações, inclusive com ligação aos ancestrais, preocupação pelo bem-estar das gerações futuras, escala local, autossuficiência e dependência de recursos naturais disponíveis localmente e contenção da exploração de recursos e respeito à natureza. Esse modelo de produzir material e simbolicamente a vida ribeirinha é de excepcional valia para o equilíbrio ecológico da região, porém, é pouco reconhecido pela racionalidade produtiva do mundo moderno que, sempre que pode, procura transformar a economia ribeirinha à sua imagem e semelhança.

Tal como afirma José Aldemir de Oliveira (2003), a primeira impressão que se fica das comunidades ribeirinhas – partindo do entendimento que possuímos de cidade, ocidental e moderno – é a de um lugar onde tudo é temporário e inacabado. A primeira visão, quando aportamos em uma dessas comunidades, é de um espaço deteriorado, caótico, com caminhos traçados pelos próprios moradores, geralmente trajetos bem definidos no imaginário local. As casas são construções mal acabadas, a maioria delas de madeira, com poucos cômodos. Em geral, o lugar se caracteriza por uma aparente inércia, deixando a impressão de uma localidade fantasma, quase invisível. No entanto, para quem se atreve a investigar esse universo, descobre uma complexidade de aspectos e usos que garantem a diversidade cultural e ambiental da Amazônia. Quando consideramos a quantidade de formas e usos utilizados pelas populações locais para manter sua sobrevivência na Amazônia, toda a lógica de organização dessas comunidades passa a ter sentido – cada casa, cada caminho, cada porto passa a ter um sentido/significado que nos remete a reprodução social da vida.

Lima (2005) assevera a necessidade de se “conhecer a diversidade socioambiental existente na Amazônia para, a partir desse conhecimento, enunciar demandas e perspectivas locais que contribuam para a construção de um desenvolvimento sustentável para a região”. Julga-se importante conhecer o modo de vida ribeirinho na Amazônia, sua



relação com o ambiente, a utilização dos recursos naturais disponíveis, e o significado desses recursos em suas experiências cotidianas, haja vista que o conhecimento aprofundado desses elementos da realidade amazônica é um subsídio indispensável para a definição de políticas públicas. Somado a isto, registra-se que as realidades sociais dos ribeirinhos da Amazônia são, relativamente, pouco conhecidas. Assim, os trabalhos de pesquisadores, significam uma contribuição fundamental para que as políticas correspondam às realidades sociais dessa região e atendam às suas necessidades específicas.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, E. F. **Terra caída**: encanto, lugares e identidades. Brasília, 2002. Vol. 1. 245 p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia. Estudo estratégico. Situação sócio-econômica: diagnóstico dos tipos de assentamentos, demografia e atividades econômicas. Municípios de São Paulo de Olivença, Tabatinga, Amaturá e Benjamin Constant. Primeiro Relatório de Campo. Santarém, 2002. . Manuscrito.

_____. Estudo estratégico. **Situação sócio-econômica**: diagnóstico dos tipos de assentamentos, demografia e atividades econômicas. Municípios de São Paulo de Olivença, Tabatinga, Amaturá e Benjamin Constant. Segundo Relatório de Campo. Santarém, 2004. Vol. 2. Manuscrito.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Comunidades ribeirinhas amazônicas: memória, ethos e identidade/ organizadores: Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, Antônio Carlos Witkoski, Henrique dos Santos Pereira. – Manaus: EDUA, 2007.

DESLANDES, Sueli F. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Deslandes, Sueli Ferreira, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (Organizadora). 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DIAS, Carla de Jesus; ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. **A Floresta como mercado**: caça e conflito na reserva extrativista do Alto Juruá. Boletim Rede Amazônia. Ano 3. N 1, 2004.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais**. In:___ Espaços e recursos naturais de uso comum. Antônio Carlos Sant'na Diegues; André de Castro C. Moreira (Organizadores). São Paulo: Núcleo de apoio a pesquisa sobre populações humanas e áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.

Ética Ambiental. Disponível em: <http://www.eticus.com/saibamais.php?sp=5>. Acesso em: 10.01.2013 às 17:58.

Ética Ambiental. Disponível em: <https://sites.google.com/site/filosofiapopular/etica/etica-ambiental>. Acesso em: 10.01.2013 às 18:05.



FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; SILVA, Cristina Pedroza da. **A pesca na Amazônia central: ecologia, conhecimento tradicional e formas de manejo.** Manaus: EDUA, 2009.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio. **Ética e direito.** São Paulo: Loyola, 2002.

LIMA, D. de M.; ALENCAR, E. **Histórico da Ocupação Humana e Mobilidade Geográfica de Assentamentos na Várzea do Solimões.** In: TORRES, H.; COSTA, H. (Org.). População e meio ambiente. Debates e Desafios. São Paulo: Ed. Senac, p. 133-161. 2000.

LIMA, Deborah (Org.). **Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade.** Manaus: Ibama, ProVárzea, 2005.

POSSAMAI, Fábio Valenti. **A posição do ser humano no mundo e a "Land Ethic".** Revista de Bioética y Derecho. N. 23, septiembre 2011. p. 45-55.

ROLLA, Fagner G. **Ética Ambiental: principais perspectivas teóricas e a relação homem-natureza.** Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2010.

SCHERER, Elenise Faria. **Modos de Vida Ribeirinha na Amazônia.** Manaus, 2010.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia.** 9. ed. rev. Manaus: Editora Valer, 2000.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos.** 3. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais.** 2. ed. São Paulo: Annablume, 2010.